

ERIC WEIL considera que se a moral tem em vista o *indivíduo* procurando que ele esteja de *acordo consigo mesmo*, ainda que pense num indivíduo considerado como *representante de todos os indivíduos*, já a política tem em vista o *género humano*. Neste sentido, podemos dizer que a política é *a-moral* e a moral, *a-política*. Contudo, como refere o mesmo autor, eis que *a moral torna-se uma força política, isto é, num facto histórico com o qual o homem político tem de contar mesmo quando ele próprio se não queira moral*. De facto, *todas as revoluções morais conduziram à tirania porque, guiadas pelo único desejo de destruir o que era injusto, muitas vezes, objectivamente injusto relativamente à consciência moral e histórica da época foram incapazes de reconhecer e de manter (ou de realizar) o que era necessário à vida do Estado ... Os puros princípios acabam assim por assemelhar-se a uma teoria técnica que se recusaria a nunca construir uma máquina porque toda a máquina é inferior ao rendimento ao perpetuum mobile não lhe pareceria digna de ser concluída*. O tratado está dividido em quatro partes: a moral; a sociedade (o mecanismo social, o indivíduo e a sociedade); o Estado (o Estado considerado como Forma; os tipos de Estado Moderno; os problemas do Estado Moderno); o Estado, a Sociedade, o Indivíduo.